

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

Allan Dwan

14 e 18 de Janeiro de 2022

HEIDI / 1937

um filme de Allan Dwan

Realização: Allan Dwan / **Argumento:** Walter Ferris, Julien Josephson, a partir de obra de Johanna Spyri / **Direção de Fotografia:** Arthur C. Miller / **Montagem:** Allen McNeil / **Som:** George Leverett / **Direção Artística:** Allen McNeil / **Cenários:** Thomas Little / **Guarda-Roupa:** Gwen Wakeling / **Interpretação:** Shirley Temple (Heidi), Jean Hersholt (Adolph Kramer, avô), Arthur Treacher (Andrews), Helen Westley (Anna, a cega), Thomas Beck (Pastor Schultz), Mary Nash (Fraulein Rottenmeier), Sidney Blackmer (Herr Sesemann), Pauline Moore (Elsa), Mady Christians (Dete), Marcia Mae Jones (Klara Sesemann), Delmar Watson (Peter), etc.

Produção: Twentieth Century Fox (Estados Unidos) / **Produção:** Darryl F. Zanuck / **Cópia:** em DCP, preto e branco, legendada eletronicamente em português / **Duração:** 88 minutos / **Estreia comercial:** 15 de Outubro de 1937, Estados Unidos / **Estreia em Portugal:** 13 de Abril de 1938, Odeon/Palácio / Título Português da estreia: “Shirley, A Garota dos Alpes” / Primeira exibição na Cinemateca.

Esta será certamente a mais curiosa adaptação cinematográfica da história de *Heidi*, da escritora suíça Johanna Spyri, ao cinema. **Heidi** foi também o filme que procurou salvar a carreira de Shirley Temple, que se aproximava de um declínio inevitável à medida que o tempo passava, pois Temple chegara já aos dez anos. Daryl Zanuck percebera-o e procurava para ela uma nova imagem dentro da Fox, para o que optou por Allan Dawn para o ajudar a concretizar tal ideia. Dwan, por seu lado, terá aproveitado esta oportunidade para finalmente passar para uma produção maior, ainda que, na sua autobiografia, Shirley Temple lembre um realizador inicialmente chateado com a ideia de fazer um filme com uma criança

Entre 1937 e 1940 Allan Dwan fez assim três filmes com Shirley Temple. Depois de **Heidi**, logo em 1938 realizou **Rebecca of Sunnybrook Farm** e em 1940, **Young People**. Neste contexto, numa entrevista a Simon Mizrahi, que já mencionámos noutras ocasiões, Dwan, ao referir-se ao conjunto de filmes para um público jovem que começou a realizar em 1935, que contavam com o protagonismo de Shirley Temple ou Jack Oakie, acaba por valorizar **Heidi**: “Eram filmes que não valiam grande coisa, mas que tive prazer em fazer. O melhor era **Heidi**, um filme com muitos exteriores de montanha. É o melhor filme de Shirley Temple, porque é o filme em que canta menos. E havia também a personagem de Jean Hersholt, um velho montanhês rude e misantropo que começa a enternecer-se quando Heidi desaparece, e parte à sua procura através dos campos.”

Se em **Heidi** Shirley Temple canta pouco, tal não aconteceria em **Rebecca of Sunnybrook Farm**, pois aí a jovem cantora-atriz interpreta uma rapariga que procura vingar enquanto cantora, contra o desejo da família. É ainda de notar que um dos momentos menos interessantes de **Heidi** será talvez aquele que coincide com a irrupção de um número musical no interior da narrativa, quando Dwan parte de uma história lida no interior filme para dar azo a um número cantado e dançado em que vemos Temple de socas no meio de um cenário tipicamente holandês. Do mesmo modo, a sequência em que **Heidi** tem uma segunda oportunidade de cantar – na igreja, ao lado do avô – também não contribui para o enriquecimento do filme.

Heidi é um filme curioso sobretudo porque, embora repegando numa história do conhecimento geral que tem marcado sucessivas gerações, consegue inovar, em grande parte devido à imaginação prodigiosa de Dwan, que acaba por trabalhar uma fusão de géneros. É de destacar (como aliás faz Dwan) a caracterização da personagem de Jean Hersholt, o velho misantropo e nada simpático que vê a sua existência profundamente alterada face à chegada da sua muito jovem neta, assim como das duas personagens femininas que lhe querem mal: a tia e a perceptora de Klara. São eles que garantem ao filme um suplemento de acção, que se consubstancia em dois raptos, numa prisão, e que culminará numa intrincada sequência de perseguição, que contrasta abertamente com o resto do filme.

Bill Krohn, num texto que escreveu sobre Dwan, refere-se a **Heidi** como um *remake* na era do sonoro de **Robin Hood** (1922), que Dwan realizara no mudo, com Shirley Temple ocupando o lugar de Douglas Fairbanks. E chama a atenção para as semelhanças: “A heroína de **Heidi** (1937) é tirada do cume da montanha onde vive com o avô e presa numa grande casa no meio da grande cidade, onde ela cura uma criança aleijada, apesar das intrigas de outra usurpadora do mal, Fraulein Rottenmeier (Fora das paredes do “castelo”, três toques na buzina de um cocheiro, que Heidi confunde com a buzina de Peter, lembre-se do sinal antes de Fairbanks ser resgatado no final de **Robin Hood**). Um macaco de realejo executa as acrobacias de Fairbanks, e Heidi repete seu famoso deslize por uma imensa tapeçaria quando ela desliza pelo corrimão da casa grande para encetar a sua fuga.”

Repetição ou desdobramento de motivos e papéis, em articulação com uma enorme dose de inovação constante, é tudo isto que permite que Dwan mantenha um ritmo incessante de produção, fazendo dele um dos mais prolíficos realizadores ao longo de tantos anos.

Joana Ascensão